

## Apresentação

O presente texto é um conto do século XXI – tanto pelo momento em que foi escrito, quanto por sua temática e por sua estrutura, planejada para encaixar-se ao meio digital. Escrito em 2017 e ainda não publicado, o conto tem como expoente a quebra de estereótipos e padrões, principalmente por meio dos personagens Mário e Amélia – que mostram, cada um à sua maneira, a inconformidade com expectativas e papéis sociais.

Amélia representa a desconstrução da mulher submissa e subserviente ao marido, construção ligada ao seu próprio nome pela cultura popular brasileira. As atitudes da personagem ao longo do enredo, assim como sua história, mostram sua força, sua determinação e sua personalidade forte e de natureza selvagem – em nada parecida com a Amélia que o leitor brasileiro está habituado a encontrar. Mário, por sua vez, rompe, inicialmente, com o clichê do autor atormentado e assolado pelo bloqueio criativo e, posteriormente, já no desfecho da história, com diversas noções culturais e padrões sociais – ruptura que o leitor há de observar por si mesmo.

A terceira personagem encontrada no conto, Dona Hortência, já de idade mais avançada que os demais e em papel coadjuvante,

A todos que, ao longo da vida, sofreram uma, duas ou várias metamorfoses – do corpo, da mente ou da alma.

poderia, nesse sentido, assumir o papel da vítima de uma sociedade excludente e, ao mesmo tempo, de representante da tradição e dos chamados ‘bons costumes’ impostos por essa mesma sociedade. Apesar de ter sofrido ao longo da vida com um casamento abusivo do qual não podia se desvencilhar, a senhora não admite rupturas com o sistema que a vitimou. Não à toa, é caracterizada como moralista e autoritária – trata-se de alguém que impõe atitudes e comportamentos sem que leve em consideração suas próprias faltas e as necessidades de Mário e Amélia no momento de suas vidas que é narrado.

As partes do conto são numeradas de I a VI, seguindo a ordem cronológica dos acontecimentos. A leitura de acordo com a ordem imposta, apesar de aconselhável, não é obrigatória (o que poderá agradar ao leitor que, como Amélia, se pauta pela rebeldia). Além disso, foram acrescentadas músicas ao início de cada uma das seções, que funcionam como trilha sonora – recurso interessante ao se pensar em uma obra publicada em meio digital. A escolha das músicas foi feita com base em dois critérios: relação de sua letra com a temática do texto da parte e inspiração fornecida no momento da escrita.

Ana Beatriz Bizzotto

**catarse** (ca. tar. se)

s.f.

1. Psi. Sentimento de alívios ao se trazerem à consciência sentimentos, traumas, etc. que estavam reprimidos.

2. Liberação desses sentimentos através de encenação, etc.

[...]

Dicionário Caldas  
Aulete Digital

## I

### A página em branco

[Trilha sonora:](#)

<https://www.youtube.com/watch?v=usNsCeOV4GM>

Mário olhou bem para a página em branco a sua frente, naquilo que já podia ser considerado um ritual diário. Pela primeira vez em muito tempo, sentiu uma espontânea e incontrolável vontade de rir ao encarar o vazio profundo da página – rir, porque, no fundo, não conseguia acreditar no grande clichê cinematográfico em que sua vida parecia se transformar. Há no mundo poucas coisas tão clichês quanto um escritor há muito atormentado pelo bloqueio criativo, e poucos atos tão agridamente catárticos quanto o riso.

Por não poder evitar, riu, portanto – e alto. Um riso frouxo e histérico como há tempos não se ouvia ecoar pelas paredes desbotadas da grande e cada vez mais decadente casa, um riso capaz de perturbar uma ainda adormecida Dona Hortência e alarmar algum desavisado que passasse distraído ao lado da janela, que dava diretamente para a rua.

Mário, então, contemplou por um momento seus sonhos já

quebrados e esfarrapados pelo uso. Contemplou, achando cada vez menos graça, o seu amor maior pela escrita, desesperançado. Nunca havia imaginado que a essa altura de sua vida esta seria a situação em que se encontraria: desempregado, vivendo com a sogra e sem conseguir iniciar seu romance – sem conseguir tocar sua maior ambição. O sentimento de fracasso parecia não o abandonar, especialmente após ter passado todos os seus dias ao longo de tantos meses sem conseguir escrever palavra. Apenas encarava a tela do computador por dias a fio.

Não que conseguisse ou pudesse conversar sobre isso com Amélia. Não conversavam mais. Amélia parecia uma pessoa completamente diferente da que costumava ser quando se casaram. Algo se quebrou dentro dela, ele tinha absoluta certeza. Algo também se quebrou dentro dele... agiam de maneira diferente agora, depois de tudo o que aconteceu. A bem da verdade, Mário já não sabia mais se algum dia amara a esposa como amantes devem se amar. Sabia que a amava, sem sombra de dúvidas, mas o amor que nutria por ela era o amor que se tem por uma cúmplice, por uma amiga e por alguém especial que sempre esteve a seu lado. Mas não, nem mesmo quando se conheceram tiveram um amor ardente um pelo outro.

Era algo nos modos de Amélia que lhe agradava. A coragem e o fogo em seus olhos, a língua afiada e a rebeldia – admirou-se um

dia com o quanto era destemida e quis aquilo para si. Quis também ser assim, quis ter esse tipo de convicção inquebrável a seu lado; quis em Amélia todas as coisas que faltavam em si mesmo, quis preencher seu vazio de alguma maneira. Mal sabia Mário que a esposa tinha seus próprios espaços vazios e que a tentativa falha de os preencher apenas os fizera aumentar. O jovem e inexperiente Mário talvez não tivesse imaginado que Amélia não existia apenas para preencher seus espaços.



## II

### Morte do espírito

Trilha sonora: <https://www.youtube.com/watch?v=9p9UficlHnQ>

A morte durante o parto de uma criança há nove meses no ventre tem consequências indizíveis para uma mãe. Amélia, por mais forte que fosse, não seria exceção... nem Mário. Sabe-se que a mulher já não era mais a mesma e é seguro dizer que jamais voltaria a ser. O casamento de Mário e Amélia sofreu um golpe do qual, também, não poderia se recuperar.

Ela, na tentativa de sobreviver com e apesar do luto, trabalhava dia e noite – sem tempo para pensar. Ele encarava a tela do computador e a tragédia fresca, encarava a lacuna da vida que quase teve. Conversavam pouco, quase nada – conversas monossilábicas e displicentes, típicas de duas pessoas que não conseguem olhar uma para a outra sem tristeza no coração.

Certamente que Dona Hortência também não facilitava as coisas, mesmo involuntariamente. Desde que Mário a conhecia, a característica mais marcante da sogra era o cenho franzido, a expressão fechada de quem raras vezes sorri um sorriso verdadeiro.

Sempre carregava consigo uma atmosfera pesada de amargura, como alguém que olha para o mundo e já não se impressiona com ele, entedia-se. As constantes reclamações de Dona Hortência seriam nocivas para o espírito de qualquer um e, vivendo com ela, Mário se surpreendia com a capacidade de Amélia em lidar com aquilo.

A impressão real de Mário era de que a sogra não tinha muita afeição por ninguém, nem mesmo pela filha, que era fruto de um casamento conturbado e abusivo em que sofrera muito – dele, gostava menos ainda. Sabia que a senhora os recebera para viver em sua casa a contragosto, ainda que Amélia tivesse veementemente negado essa hipótese quando lhe foi apresentada. Por mais que a mãe a incomodasse e, por vezes, a tirasse do sério e perturbasse profundamente, Amélia preferia tê-la por perto agora, depois de tudo, em caráter provisório.

Mudaram-se para a casa em que Amélia cresceu um mês após a morte do filho, com o intuito de se reestabelecerem longe de um apartamento preparado para receber uma criança que nunca chegaria. Mário largou o emprego como redator do jornal local e decidiu dedicar-se exclusivamente a um romance, que sempre planejara escrever. A verdade é que ele também ansiava por nova companhia, mesmo que fosse dona Hortência, para tentar tirar sua cabeça de uma vez por todas das coisas que poderiam ter sido.

### III

## A mulher-liberdade

Trilha sonora: <https://www.youtube.com/watch?v=6qrDIRsARwk>

Um ano se passou após a mudança de Mário e Amélia para a casa de Dona Hortência, um ano se passou desde a maior mudança de ares da vida de casal dos dois. No entanto, todo o resto permaneceu – a sombra do filho e do sonho da escrita natimortos, o relacionamento insustentável entre os três habitantes da grande casa e a página em branco. Não foi mesmo naquela semana que Dona Hortência reclamou da apatia do genro? Não foi mesmo ontem que lhe mandou arrumar um ‘trabalho de verdade’? Não foi mesmo naquele mês que disse que Amélia não deveria sofrer tanto por alguém que nem chegou a conhecer? Por alguém que nem chegou a ser alguém? Mário não sabia. A respeitável senhora dizia coisas assim com frequência demais para que soubesse.

O que sabia era que acordava cedo todos os dias apenas porque Dona Hortência acordava tarde, que saía de casa para longas caminhadas após o almoço – quando a sogra parecia particularmente falante e inclinada a conversar – e que, à noite, se recolhia ao quarto

que dividia com Amélia tão cedo quanto possível, pois era preferível lidar com a indiferença da esposa que com a agressividade da sogra. Conseguia, dessa maneira, evitar ao máximo os aborrecimentos inerentes a um ambiente tão hostil – especialmente porque Amélia ainda não parecia nem um pouco disposta a voltar a viver no apartamento que lhes pertencia.

\*\*\*

Mário, desde jovem, não costumava dormir bem. Com frequência sonhava sonhos estranhos, dos quais não conseguia tirar muito sentido e que lhe ficavam na cabeça durante os dias. Por vezes eram como sonhos de febre: vívidos, brilhantes e incômodos; por vezes apresentavam situações em que conversava com pessoas que nunca vira na vida e que o tratavam como conhecido; podia ainda sonhar que era outra pessoa, que estava na pele, na mente e no corpo de alguém completamente diferente de si. Sonhos estranhos. Mário sentia que eram lembranças da vida de outras pessoas – pessoas que viviam em lugares escondidos do seu subconsciente.

Nos últimos tempos, deu para ter um sonho recorrente e familiar, com que já tivera contato nos primeiros anos de sua infância e de sua adolescência – nos tempos tristes. Via flashes: a silhueta de

uma mulher, a sua voz, os seus olhos, a sua boca, o seu cabelo – era alta, a mulher mais alta que já havia encontrado, tinha cabelos negros e selvagens e um rosto diferente de tudo que já vira na vida, nem feio e nem bonito, um rosto que lhe remetia imediatamente à ideia mais primitiva que tinha de liberdade. Chamava-a a sua mulher-liberdade e, dadas as circunstâncias que vivia, passou a ansiar por esses sonhos em que ela o visitava e que o enchiam de uma sensação de relativa paz.

## IV

### Lola

Trilha sonora: <https://www.youtube.com/watch?v=6c1BThu95d8>

Não tardou para que a mulher-liberdade de Mário se tornasse a sua grande inspiração e musa de seu romance. Pela primeira vez desde que assumira aquele projeto, o escritor começou a acreditar conscientemente que ele tinha futuro e deixou de ouvir as queixas incessantes de Dona Hortência. A partir daquele momento, não pensou nem mais uma vez sequer que a sogra talvez tivesse razão, e que ele deveria arrumar um ‘trabalho de verdade’. Vestiu-se de coragem e confiança e deu um nome e um passado à sua Liberdade – chamou-a Lola, imaginando que seria uma dessas pessoas felizes e puramente otimistas que povoam o mundo, pensou em uma moça alegre e inocente, apesar dos dias nublados que a vida lhe apresentaria. Em vista dos maus momentos ela diria: “meus melhores dias são nublados, como hoje”. Em seu íntimo não achou que a história interessaria a muita gente, mas acreditou no poder terapêutico da escrita e apaixonou-se pela ideia de Lola. Mais uma

vez, quis manter por perto uma série de características que não conseguia encontrar em si mesmo, ainda que pertencessem a uma personalidade inventada, irreal.

Os cabelos negros e revoltos seriam sempre a marca registrada de Lola, seriam sempre sua característica mais marcante e seu atributo preferido. A menina-moça, moça-menina também se sentiria sempre jovem daquele tipo de eterna juventude que não esmorece com o passar dos anos, ao contrário da juventude do corpo. Por dentro seria sempre menina, sempre inocente, a Lola que gostava de passar horas observando o movimento da rua sob sua janela.

Quanto a seu passado, seria uma dessas figuras misteriosas, de quem pouco se conhece e pouco se sabe além do que se vê. Talvez fosse uma dessas mulheres que carrega dentro de si mil outras, igualmente complexas e interessantes, cada uma à sua maneira. Talvez tivesse um passado trágico sobre o qual não gostasse de falar. Talvez fosse fugitiva de algo ou alguém, buscando sempre se reinventar e simplesmente viver, pois já havia passado por momentos sombrios o suficiente para querer evita-los para sempre. Mário oscilava entre cada uma dessas histórias de fundo, escolhendo cada hora uma, escolhendo todas e nenhuma. Escreveu várias versões diferentes de Lola, sem saber ao certo qual lhe agradava mais. Logo, começou a pensar em Lola com tudo o que via,

enxergava-a em todos os lugares pelos quais passava – a moça vinha despreziosamente ao seu encontro, sem que ele pudesse prevê-lo.

Em uma de suas caminhadas vespertinas, após o almoço com a sogra, olhou de relance para uma loja em que viu uma peruca de penteado semelhante ao de Lola. Comprou a peruca. Em outra ocasião encontrou um batom que casaria com o tom de pele da moça. Comprou o batom. Ainda algumas semanas depois, viu em uma vitrine um vestido que parecia feito para ela. Comprou-o também.

Lentamente, e cada vez mais, Mário se tornava um homem obcecado por aquela mulher – por sua própria personagem.

## V

### A ruptura

Trilha sonora: <https://www.youtube.com/watch?v=oAYiuFBqyLE>

O acervo de coisas relacionadas à Lola - tanto compradas quanto encontradas por Mário entre seus antigos pertences - crescia em escala impressionante e já incluía roupas, perucas, maquiagens, sapatos. O escritor passou a escondê-lo embaixo da cama, após soltar discretamente algumas tábuas do assoalho. Quando Amélia já havia saído para o trabalho e Dona Hortência ainda estava dormindo, Mário colocava sua coleção sobre a cama e admirava-a - sentia-se inspirado por ela, e escrevia mais tantas histórias de Lola ao longo do dia. Assim, os dias, os meses, a vida iam se passando e o homem foi, claramente, deixando de lado a atmosfera de tristeza e de artista atormentado que vinha carregando durante seus primeiros tempos na casa da sogra. Mudou seu comportamento a tal ponto que Dona Hortência o percebeu, e passou a conversar aos cochichos com Amélia, certamente enchendo a cabeça da filha com ideias sobre a mudança sofrida pelo genro. Amélia conhecia a mãe que tinha e não se pode dizer que fosse ingênua, de fato era mais astuta que a mãe e

o marido juntos - por isso, a princípio e como de costume, não deu atenção ao que a senhora dizia.

Não deu atenção até ver o homem parado ao lado da cama observando uma série de diversos artigos femininos, em certa manhã na qual esqueceu a pasta de trabalho em casa. Mário sabia que o risco de ser pego em flagrante era alto, e que, caso isso acontecesse, seria difícil explicar sua situação. Especialmente para Amélia, com quem perdera toda a intimidade que já tivera um dia. Tinha no rosto uma expressão de indizível surpresa por ver o marido ali, encarando vestidos, perucas, bijuterias. Quebrou-se, dessa maneira, o silêncio e a apatia que viveram no último 1 ano e meio.

A primeira pergunta de Amélia:

“Você tem outra mulher”?

“Não, não tenho”

Silêncio cortante.

---

“Você tem uma explicação”?

“Receio que não tenha uma explicação que possa te agradar, querida... Prometo que não tenho outra mulher, como nunca tive - nem antes de te conhecer e nem depois... As roupas, as perucas, tudo se relaciona ao romance. O que você quer que eu diga”?

Amélia fez uma longa pausa, estudando o rosto do marido e

escolhendo bem as palavras que há tempos tentava expurgar de seu corpo. Mário a conhecia o suficiente para saber que ela diria algo grave em seguida.

“Não sei... Nada. Tudo. Faz tempo que não nos dizemos nada e não sei até que ponto isso pode e deve durar. A questão é: não sei se quero continuar tentando um diálogo, quando sei o que vivemos, quando olho pra você e vejo o Pedro, meu filho morto, vejo a frustração tão antiga de um romance que nunca acreditei de verdade que pudesse ver a luz do dia... Deixamos de conversar, deixamos de nos comunicar porque com a tragédia, percebi que você não me ama. Não me ama como esposa. Fica impossível não reparar nisso nos momentos ruins, sabe? Eu não mereço isso, e você não merece viver com alguém que não ama”.

Amélia agora respirava fundo, aliviada com o que acabava de botar fora. Mário ficou impressionado com o que ouviu. Nunca pensou que a apatia de Amélia se devia em parte a seu próprio

comportamento. Sentiu-se egoísta, pois sabia que ela tinha razão. Magoou-se porque a esposa não acreditava em seu romance.

“Não sei o que dizer, Amélia... Acho que não tenho mesmo o que dizer. Nós nunca vamos voltar juntos pra casa, não é”?

“Não, não vamos. Eu nunca quis voltar pra casa. Não sem o Pedro... não do jeito que as coisas são entre nós agora. Acho que você deve voltar sozinho; hoje. Acho que a ruptura não pode mais ser evitada”.

Assim encerrou-se a conversa. Tendo botado tudo para fora, Amélia pegou a pasta e saiu. Não chorou – o choro, o guardava para o filho, o guardava para as tristezas profundas e insolúveis; Mário, mais uma vez, ficou admirado com a força dela. Invejou-a. Naquela tarde, sem falar com ninguém, sem despedir-se de Dona Hortência, juntou suas coisas e voltou para o antigo apartamento – que não tiveram coragem de vender ou alugar a alguém, com projetos ilusórios e, até então, incontestados de retornar juntos quando recuperados.

## VI

### Metamorfose

O poeta é um fingidor  
Finge tão  
completamente  
Que chega a fingir que  
é dor  
A dor que deveras  
sente

- Fernando Pessoa

Trilha sonora: <https://www.youtube.com/watch?v=LemG0cvc4oU>

Chegar à casa vazia, abandonada por mais de um ano, após um acontecimento tão trágico não poderia ser fácil para Mário. Não poderia ser fácil para ninguém. O homem olhou bem para a desordem organizada do ambiente, para as cores alegres do quarto de bebê inabitado, para o aspecto de abandono do que um dia foi, e agora voltaria a ser, seu lar. Olhos marejados, trancou a porta do quartinho do filho – trancou-a tentando ao máximo não olhar nem mesmo de relance para o cômodo. Longe dos olhos, longe do coração. Se ao menos o ditado fosse verdadeiro.

Pela primeira vez, as coisas de Lola viram a luz do dia, foram

expostas ao invés de escondidas - penduradas como obras de arte nos cabides espalhados pelos demais ambientes do apartamento, orgulhosamente colocadas sob as prateleiras. Naquela noite, Mário escreveu febrilmente. Não dormiu. Sentou-se no escritório, computador a sua frente, e digitou. Digitou sem parar – trechos soltos, histórias completas, textos de qualidade e trabalhos que ele não teria a coragem de deixar ver a luz do dia.

Com a chegada da manhã, veio também o fruto da insônia, da melancolia e da solidão – o escritor, fisicamente e emocionalmente exausto, deitou-se e dormiu por todo o dia; dormiu como não dormia há quase dois anos, após expulsar por meio da escrita alguns dos males dos quais sofria o seu coração. Com imagens, pessoas, sentimentos inventados, repovoava-se e sentia o alento de uma companhia.

Mário sentia-se como alguém que perdeu tudo. Mário era alguém que perdeu tudo... Ele só não deixava que esses sentimentos viessem a superfície de seu coração, evitava-os, negava-os, mesmo que o machucassem profundamente.

Olhou para os vestidos de Lola, para os sapatos, para o batom, para a peruca. Vestiu-os todos, um a um. Pintou em sua face o rosto de Lola, vestiu-se da pele dela, de sua personalidade, e também o sorriso da moça. Sentiu que a personagem existia dentro de si, sentiu

a necessidade de deixa-la vir à tona. Sentia tanto... sentia tudo. Mário era Lola, e Lola era Mário – o momento da transformação física refletia a metamorfose interior do criador.

#### **Nota**

O conto “Catarse” é, também, um projeto de auto-edição de Ana Beatriz Bizzotto, aluna do curso de Letras na Universidade Federal de Minas Gerais. O texto foi editado e reestruturado para ser publicado como trabalho da disciplina “Literatura em meio digital”.

A dedicatória, o texto de apresentação e a imagem presente na capa da obra foram produzidos pela autora. Os links adicionados ao início de cada seção direcionam o leitor às páginas do Youtube em que as músicas, que servirão como trilha sonora, poderão ser apreciadas, citando os artistas a que pertencem e a quem estão reservados os direitos autorais. As epígrafes presentes ao longo do texto também receberam os devidos créditos.